



As inovações do Séc. XIX: O nascimento dos “ismos”

8º ANO	ARTE	PROF. SÉRGIO / SUSSUMO	2º BIM
--------	------	---------------------------	--------

Para a civilização ocidental, o século XIX foi uma época de revolução. A Igreja perdeu seu poder, as monarquias balançavam e as novas democracias tinham cada vez mais problemas. Em suma, a tradição perdeu o seu atrativo; o futuro estava ali, para quem quisesse. Forças desconhecidas como industrialização e a urbanização desaprumavam as cidades com massas de pobres insatisfeitos. O ritmo rápido do progresso científico e os males do capitalismo sem freios aumentavam a confusão. O mundo artístico dos anos 1800 fervilhava de facções cada uma delas reagindo às outras. Em vez de um estilo predominar por séculos, como aconteceu nas épocas do Renascimento e do Barroco, movimentos e contramovimentos brotavam feito cogumelos. O que tinham sido as eras transformou-se em “ismos”, cada um representando uma tendência artística. Durante a maior parte do século, três estilos principais competiram um com o outro: o Neoclassicismo, o Romantismo e o Realismo. Perto do final do século, rapidamente surgiram e desapareceram diversas escolas – o Impressionismo, o Pós-Impressionismo, o *Art Nouveau* e o Simbolismo.

NEOCLASSICISMO: FEBRE ROMANA

Mais ou menos a partir de 1780 até 1820, a arte neoclássica refletiu, nas palavras de Edgar Allan Poe, “a glória que foi a Grécia, / E a grandeza que foi Roma”. Esse reviver do austero mobiliário constituiu uma clara reação contra o enfeitado estilo rococó. O século XVIII tinha sido a Idade das Luzes, quando os filósofos pregavam o evangelho da razão e da lógica. Essa fé na lógica levou à ordem e às virtudes “enobrecedoras” da arte neoclássica.

O iniciador da tendência foi Jacques-Louis David (1748-1825), pintor e democrata francês que imitava a arte grega e romana para inspirar a nova república francesa. Como assinalou o escritor alemão Goethe, “agora se quer heroísmo e virtudes cívicas”. A arte “politicamente correta” era séria, ilustrando temas da história antiga ou da mitologia, em vez das frívolas cenas de festa rococó. Como se a sociedade tivesse tomado uma dose excessiva de doce, o princípio substituiu o prazer e a pintura deu apoio à mensagem moral de patriotismo.

NEOCLASSICISMO

VALORES:

Ordem e Solenidade

TOM:

Calmo e racional

TEMAS:

História grega e romana, mitologia

TÉCNICA:

Enfatiza o desenho com linhas, não cor;

não há vestígio de pinceladas

PAPEL DA ARTE:

Levantar o moral, inspirar

FUNDADOR:

David

Em 1738, a mania da arqueologia varreu a Europa, à medida que as escavações em Pompéia e Herculano ofereciam a primeira visão da arte antiga bem preservada. A insistência da moda nos modelos gregos e romanos às vezes se tornava ridícula, como aconteceu quando seguidores de David, os “primitivos”, levaram literalmente a sério a ideia de viver à maneira grega. Não só andavam de túnica curta, como se banhavam nus no Sena, imaginando-se atletas gregos. Quando o romancista Stendhal viu os guerreiros “romanos” nus na pintura de David “Intervenção de Sabinas”, foi cético. “O mais ordinário censo comum”, escreveu ele, “nos diz que as pernas daqueles soldados logo estariam cobertas de sangue e que seria um absurdo ir nu à batalha em qualquer época da história.”

A estatuária em frisas de mármore que lorde Elgin trouxe do Partenon de Atenas para Londres aguçou ainda mais o apetite público pelo mundo antigo. “Glórias do cérebro” e “grandeza grega” – foi assim que o poeta John Keats descreveu os mármores. Os líderes das escolas de arte e das academias reais francesa e britânica davam todo o seu apoio ao movimento neoclássico e pregavam que a razão, não a emoção, devia ditar a arte. Enfatizavam o desenho e a linha, que tinham apelo para o intelecto, em vez da cor, que excitava os sentidos.

A linha mestra do estilo neoclássico eram figuras severas, desenhadas com exatidão, que apareciam em primeiro plano, sem a ilusão de profundidade dos relevos romanos. A pincelada era suave, de modo que a superfície da pintura parecia polida e as composições eram simples, para evitar o melodrama rococó. Os fundos, em geral, incluíam toques romanos, como arcos ou colunas, e a simetria e as linhas retas substituíam as curvas irregulares. O movimento era diferente do classicismo de Poussin, de um século antes, pelo fato de que as figuras neoclássicas não se pareciam tanto com figuras neoclássicas não se pareciam tanto com figuras de cera, mais se assemelhando a figuras dançando balé, mais naturalistas e sólidas.

As antigas ruínas também inspiraram a arquitetura. Clones dos templos gregos e romanos se multiplicaram da Rússia à América. O pórtico do Panteon de Paris, com colunas e cúpula coríntias, copiava exatamente o estilo romano. Em Berlim, o portão de Brandenburg era uma réplica da entrada da Acrópole de Atenas, com uma carruagem romana no alto. E Thomas Jefferson, quando servia na França como embaixador, admirou o templo romano Maison Carrée em Nîmes “como um amante olha para a amada.” Depois redecorou sua casa, Monticello, no estilo neoclássico.

NEOCLASSICISMO FRANÇÊS

DAVID: PINTANDO O PASSADO. Foi numa viagem a Roma, quando pela primeira vez viu arte clássica, que David teve sua visão reveladora. Disse sentir-se como se “tivesse sido operado de catarata”. Avidamente desenhava mãos, olhos, orelhas e pés de toda escultura antiga que encontrava, dizendo: “Quero trabalhar num estilo grego puro.” Em pouco tempo, os discípulos de David jogavam migalhas de pão na “Peregrinação a Citera”, de Watteau, para mostrar seu desprezo pelo que achavam que era arte “artificial”.

Em “Juramento dos Horácios”, três irmãos juram derrotar os inimigos ou morrer por Roma, ilustrando o novo clima de auto-sacrifício, em vez de auto-indulgência. Da mesma maneira como a Revolução Francesa derrubou os nobres decadentes, essa pintura marcou uma nova era de estoicismo. David demonstrou a diferença entre o velho e o novo através do contraste dos contornos retos e rígidos dos homens com as formas curvas, suaves das mulheres. Até mesmo a composição da pintura reforçava sua firme resolução. David situou cada figura como uma estátua, iluminada por um feixe de luz, contra um fundo simples de arcos romanos. Com o fim de assegurar a precisão histórica, vestiu manequins com roupas romanas e fez capacetes romanos para então copiar.



“**Juramento dos Horácios**”, David, 1784, Louvre, Paris. O “Juramento dos Horácios”, de David, marcou a morte da arte rococó e o nascimento da neoclássica, que deveria, segundo disse o próprio David, “necessariamente contribuir para a educação do público”.

David, amigo do radical Robespierre, foi partidário ardoroso da Revolução e votou a favor da guilhotina para o rei Luís XVI. Sua arte foi propaganda em prol da república, com a intenção de “eletrificar”, disse ele, e “plantar as sementes da glória e da devoção para com a terra paterna”. O retrato do líder assassinado, “Morte de Marat”, é sua obra-prima. Marat, amigo íntimo de David, foi um revolucionário radical, que morreu apunhalado por um contra-revolucionário durante o banho. (Antes da Revolução, enquanto se escondia da polícia nos esgotos de Paris, Marat contraíra psoríase e tinha que trabalhar imerso num banho medicinal, usando um caixote como escrivaninha.) Logo após o assassinato, David correu para o cenário do crime, para registrá-lo. Embora o fundo seja friamente vazio, a pintura de David enfatizou o caixote, a toalha manchada de sangue e a faca que, como objetos reais, foram cultuados pelo público como relíquias sacras. David retrata Marat como

um santo, numa pose similar à de Cristo na “Pietà” de Michelangelo.



“**Morte de Marat**”, David, 1793. Musées Royaux dês Beaux-Arts de Belgique, Bruxelas. David pintou o herói revolucionário assassinado como um Cristo dos tempos modernos.

Quando Robespierre foi guilhotinado, levaram David preso. Mas, em vez de perder a cabeça, o flexível pintor tornou-se chefe do programa de arte de Napoleão. Mudou das composições simples do seu período revolucionário para a pompa e a nobreza das pinturas das conquistas do pequeno imperador, tais como “Coroação de Napoleão e Josefina”. Embora suas cores tenham se tornado mais vivas, David se ateu ao que também aconselhava aos alunos: “não permitir que as pinceladas apareçam”. Suas pinturas têm um acabamento limpo, brilhante, liso como verniz. Durante três décadas, a arte de David foi o modelo oficial do que se considerava ser a arte francesa e, por extensão, a arte europeia.

REFERÊNCIA

STRICKLAND, Carol. Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno / Carol Strickland; tradução Angela Lobo de Andrade. –Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. (adaptado)